

O ARACAJU QUE OS SERGIPANOS DESCONHECEM

Professor Cerivaldo Pereira Filho;

Resumo:

O presente artigo trata da primeira localização de São Cristóvão, fundada por Cristóvão de Barros com um Forte no Morro do Urubu que servia para proteção da Capitania e de Atalaia por dali se poder observar as Costas de Aracaju e Barra dos Coqueiros, tratamos também dos limites territoriais desse primitivo aldeamento, e, que, como poderemos observar continuaram os mesmos após a transferência da Cidade de “São Cristóvão Nova” (onde hoje se localiza) para Aracaju. Falaremos dos rios e riachos do Aracaju, com destaque para o Riacho Aracaju no Manoel Preto, que, após tantos séculos resistindo a ação promíscua dos seres humanos, hoje pede socorro, por estar mais uma vez sendo agredido com construções desmesuradas em suas encostas e até mesmo sendo aterrado. Sem planejamento algum nem preocupação com vultoso crime ambiental.

PALAVRAS CHAVE:

DEGRADAÇÃO AMBIENTAL; RIO ARACAJU; MUDANÇA DA CAPITAL.

Desenvolvimento:

A região do Aracaju explica-se pelo primitivo rio Aracaju, que se deve confundir com o Riacho Aracaju ou mais propriamente córrego, hoje agonizando, porém, sangrando incessantemente o seu potencial aquífero, e, que, até meados do século 20 davam as vezes o pomposo título de rio, nem com o estuário rio Sergipe fronteiro à capital, ao qual também se tem dado, embora raramente, o nome do rio Aracaju.

Ao córrego ou riacho Aracaju, escoadouro dos brejos das caatingas do Aracaju é que se referiam o Engenheiro Pirro, Laudelino Freire, M. dos Passos e outros, mas, não o verdadeiro rio Aracaju, de que a região tomara o nome.

A primeira menção aparecida nas antigas cartas de sesmarias referente ao topônimo Aracaju, vem a 13 de janeiro de 1600 sob a grafia de gauquajú, para surgir depois de 20 de outubro de 1601

com a de arcaiú, e, enfim, a 6 de agosto de 1602 com a forma definitiva de Aracaju. (ALMEIDA, 2002, p. 187)

Nas duas primeiras referências citadas, alude-se ao local ou região do Aracaju, e na última a região do Aracaju. Na carta de Pero Gonçalves, de 7 de agosto de 1602, diz-se que “no cabo do rio Aracaju está uma ponte de terra que mete entre dois apecuns.”(sic)

A 6 de agosto de 1602, refere-se na carta de sesmaria requerida por Francisco Rodrigues a “umas a que foram dadas a Gonçalves Alvares e Antônio Guedes no rio de Cotinguiba, ao sul...; começando a medir nas ditas cabeceiras, correndo até o rio Aracaju”.

Portanto, ao sul do Cotinguiba vem o rio Aracaju, que é o primeiro rio a encontrar-se à margem direita do Cotinguiba, devendo-se notar que nesse período das nascenças deste até a sua desembocadura no rio Sergipe, em frente a Ilha do Doido.

Antônio de Azevedo, em 18 de agosto de 1623, “pede mais todas as ilhas de matos e mangues e mais cousas que houver no rio Aracaju, Cotinguiba e Ganhomoroba, o que tudo pede por devoluto”. (Idem)

Câmara Cascudo, analisando o mapa de Barléu, apresenta os afluentes da margem direita do rio Sergipe. De norte a sul, denominados Iacareacica, Cotinguiba, Marecaji e Ipoxiaguaçu, acrescentando: “não identifico o Marecaji.... Em parte alguma Aracaju.”

Em uma das cartas geográficas do Brasil antigo, que Ivo do Prado publica como sendo “uma ampliação de Barléu sobre a Capitania de Sergipe”, lê-se, de sul a norte, como tributários à margem direita do rio Sergipe, o Ipitanga, em vez do Poxim, seguindo-se o Marecaji e o Cotinguiba, donde se conclui que o Marecaji situava-se entre o Poxim Guaçu ou Poxim Grande, (confundido no mapa com o Pitanga) e o Cotinguiba. Assim sendo, já que não havia nem há outro rio, digno de menção em cartas gerais entre o Poxim e o Cotinguiba, senão o atual rio do Sal, infere-se com certeza que o rio Aracaju é o mesmo rio Marecaji, enfim, o nosso conhecidíssimo rio do Sal. (ALMEIDA, 2002, p. 188)

As cartas sesmeiras e geográficas citadas são unânimes em situar no rio do Sal, o denominado rio Aracaju, embora as cartas geográficas de Barléu e sua ampliação registrem a grafia de Marecaji, estropiada explicavelmente por seus autores estrangeiros, em virtude “das frequentes e, às vezes, quase indecifráveis adulterações de nomes próprios e de termos indígenas, aliás, comuns em outros autores coevos que versaram assuntos semelhantes”, porque escreviam a “língua brasílica” seguindo a fonética de seus idiomas. “O tupi não

tinha escrita. Cada gramático ou observador europeu procurou transcrevê-lo no alfabeto de sua língua nativa, com adaptações” (Pe. A. Lemos Barbosa, Curso de Tupi Antigo, p. 27).

A região do Aracaju é uma porção de terra de légua e meia em diâmetro, entre o rio Poxim Grande, ao sul, e o Sergipe ao norte, quando neste, antes de chegar ao mar, entra e faz barra àquele, ficando cercada esta barra a modo de istmo, por entre rios, quando se vão unir com o outro e pelo levante e mais largo, rodeada de um grande e invadeável alagadiço que, começando das Ribeiras do Poxim e formando uns apicuns mui parcelados (sic), deixa algum terreno livre para as margens do Sergipe, abundáveis de salinas, das quais se provê toda a Capitania e algumas vizinhas em necessidade.” (Idem, 2002, p. 189)

Identificado que agora temos o genuíno rio Aracaju, pode-se corrigir a Jaboação no que diz “entre o rio Poxim Grande ao sul e o Sergipe ao norte”, porque enxerga-se ter o clássico historiador tomado equivocadamente o antigo rio Aracaju, atual rio do Sal ao norte do Aracaju, dotado de apicuns “abundantes de salinas”, com o rio de Sergipe, corrente ao leste da cidade.

Feito isto, verifica-se que a descrição referida identifica perfeitamente, ainda hoje, a região do Antigo Aracaju de 1590, onde Cristóvão de Barros fundou o primeiro arraial com igreja e fortaleza, denominado S. Cristóvão, com os foros de cidade provida com Câmara de Conselho.

Temos, por conseguinte, com a primitiva e original região de Aracaju ao norte. A leste, esse território limitava-se pelo rio Sergipe, posteriormente chamado também Cotinguiba, na parte que forma o estuário do porto da capital. Pelo Oeste, seus limites seriam menos precisos, mas, ao que parece, correriam das cabeceiras do rio do Sal, outrora rio Aracaju, até certa altura do Poxim, perfazendo cerca de légua e meia quadrada ou “em diâmetro”, na linguagem de Frei Jaboação.

A tendência de se observar a homogeneidade destes limites naturais conservou-se através da criação da freguesia e da Vila de Nossa Senhora do Socorro da Cotinguiba (ou, Tomar da Cotinguiba), do distrito da Delegacia de Aracaju, na parte confinante com o município e paróquia de S. Cristóvão, correspondendo a “uma porção de légua e meia” para cada lado, aproximadamente, quanto vem a ser a área da região do Aracaju de 1590, referida por F. Jaboação. Os indígenas povoadores da Capitania de Sergipe costumavam dar, aos rios e aldeias da terra, os **nomes de seus morubixabas**.

A usança fixou no rio Sergipe o nome do Cacique Ceriji, comunicando-se ao território todo, bem como nos rios Japarutuba, Siriri e outros, os nomes desse principais (sic,) e, ainda, a Aldeia de Pacatuba, Moribeca e outros, segundo refere a tradição.

A frequência dos exemplos conhecidos induz acreditar-se que o rio Aracaju tomara essa denominação ao nome de um Cacique chamado Aracaju, cujos domínios estendiam-se da margem direita do seu rio até o Poxim, imprimindo-se à região o mesmo nome. Sua memória não foi conservada pela história, senão o nome valoroso grado na geografia sergipana, como acontecera de certo, com outros tupinambás da mesma capitania.

A hipótese encontra ponderosa confirmação na “Aldeia do Aracaju” que perdurou até os princípios do século XIX. Afirmou Clodomir Silva que, em 1696, foi nomeado o indígena João Mulato, capitão da aldeia do Aracaju (Álbum de Sergipe, p. 124).

Por falar em Clodomir Silva, ele nos narra a seguinte lenda proveniente dessas plagas: “Uma lenda dos mangues do **Manuel Preto** próximo ao Morro do Urubu; antigamente existia um riacho encantado de águas claras. Ali teria atolado um carro de bois com seus passageiros, de onde nunca mais saíram nem foram encontrados”...(Idem)

No correr do século XVII os missionários jesuítas catequisavam a “Aldeia do Aracaju”, anexa à Fazenda do Aracaju, pertencente à Companhia de Jesus. Por sua vez, Ayres de Casal que o macróbio Cristóvão de Mendonça completara 128 anos de idade em 1806, quando trabalhava ainda como oleiro na “Aldeia do Aracaju”.

Provavelmente, ainda segundo Casal, a aldeia do Aracaju se situava no morro de Santo Antônio, onde fizeram a igrejinha do mesmo orago, capela filial da Freguesia de N. Sra. Do Socorro da Cotinguiba, ou, nas suas imediações. (Idem, 2002, p. 190)

O vigário do Socorro, Padre José de Souza, na informação oficial que deu aos governo (sic). Em 1757, registrou a peculiaridade de sua paróquia que não contava com nenhum “povoado” com moradias juntas, nem vila nenhuma nos seus limites, apesar de ser muito populosa para aqueles tempos, 5950 e tantas pessoas de confissão, não se contando nem as crianças de menor (sic) de 7 anos, nem os escravos ainda pagãos. Dizia o vigário de Socorro: “Não tem a freguesia povoações como vila; porém, é toda povoada de fazendas apartadas umas das outras. Os sítios de mais nome e concurso de gente da parte do Sul do dito rio Cotinguiba são da Barra do Poxim, Aracaju, Saco, São Bento.... Tem esta freguesia no Aracaju, a Capela doa Santos Antonio” (sic).

Não se sabe quando foi construída essa igreja de Santo Antonio, dando-se como certo, porém, que:

“A Capela existia pelo menos desde 7 de agosto de 1755, quando ali se realizou batizado, conforme consta num dos livros do Arquivo do Convento de São Francisco da cidade de São Cristóvão. Dois séculos já de existência. Foi seu primeiro Capelão o Pe. Luiz de Brito Soares, que tomou posse a 13 de outubro de 1788, pois antes dessa data as cerimônias religiosas eram administradas pelo pároco de Socorro. Viveu a Igreja de Santo Antonio na categoria de capelania, até o dia 31 de dezembro de 1915, quando o Exmo. Sr. Bispo Dom José Thomaz Gomes da Silva houve por bem, criar a Paróquia, tendo nomeado para seu 1º pároco o Revmo. Floduardo de Brito fontes, que tomou posse a 16 de janeiro de 1916.” (Idem. 191, apud Inéd. Do Arq. Nac.)

Tornou-se a capela do Santo Antonio, na região denominada Aracaju, um centro de civilização. Ao seu redor estabeleceu-se um arraial que se considerou a sede da “povoação” ou “povoado” do Aracaju, em substituição à primitiva Aldeia do Aracaju.

Barra do Aracaju, povoação do Aracaju, ou Santo Antonio do Aracaju eram denominações diferentes com que se designava como um todo administrativo e geográfico, a região do Aracaju, e não o arraial do morro de Santo Antonio, com algumas dezenas, talvez de habitantes.

O que se entendia por Aracaju, com essas denominações diversas, segundo documento inédito do Arquivo da (sic) Secretário Geral do governo de Sergipe verificado por Calazans, “possuía algumas centenas de habitantes”, em 1854, realmente “crescia o número de habitantes”, como nem todas as sedes das vilas da província continham igual.

É evidente que essa população não se aglomerava no número urbano de Santo Antonio, de que a esse tempo ainda se podia dizer com Almeida Boto, “o arraial é muito pequeno”, mas se espalhava pelos muitos sítios, chácaras, salinas, e olarias do Aracaju, que compreendia a extensão do Poxim ao rio do Sal, como consta do distrito da Subdelegacia de polícia, criado pelo presidente Inácio Barbosa, em 26 de janeiro de 1855, com os seguintes limites: “compreenderá a margem do Rio do Sa, ao lado Sul, com todas as suas voltas, a principiar da boca do mesmo e do Porto da Olaria, denominada Olaria das Almas, rumo direito a meter no rio Poxim, no lugar onde se denomina Saco do Rio Poxim”. (BARBOSA, Rel. Ad. 1º de março 1855)

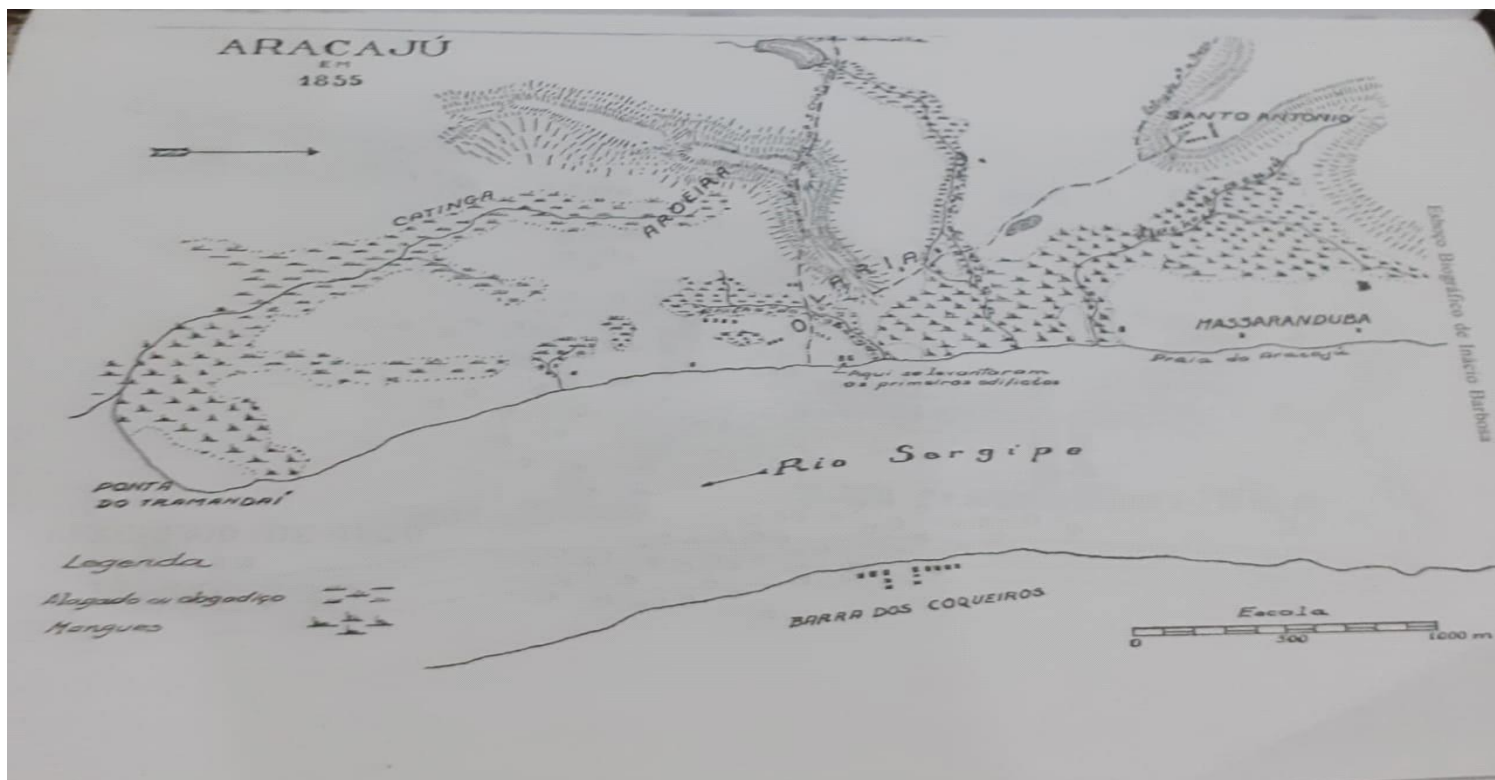
O distrito policial nada inovou em relação aos limites do “povoado Aracaju”, porque estes já eram assim considerados, de há muito tempo, tal qual se apresentaram documentados na Carta Hidrográfica da Província, elaborada em 1854, pelo engenheiro Cabrita, em que “a povoação do Aracaju aparece cercada ao norte pela Serra do Aracaju (morro do Urubu) e ao Sul pelo Poxim; **regada pelos riachos Olaria e Aracaju ao Norte**, o Caborge ao centro e o Tramandaí ao Sul. (CALAZANS, 1854)

Certamente, os limites da povoação e do Distrito da subdelegacia, coincidiam com os do distrito de paz de 1836. Em qualquer desses pontos que se localizasse a Cidade de Aracaju, nos termos da Lei provincial de 17 de março de 1855, a Capital se transferiria para a povoação do Santo Antonio do Aracaju, em que M. Dos Passos distinguia três zonas destacadas: “Santo Antonio, ao norte; Olaria, no Centro e Barra do Poxim, ao Sul”. (P. Da Silva, Planta da cidade de Aracaju, legenda manuscrita, Biblioteca Nacional)

Tudo isso pertencia à povoação do Aracaju e não somente o morro do Santo Antonio, como entenderam alguns, equivocadamente. A histórica resolução provincial, nº 413, de 17/03/1855, ao elevar à categoria da cidade o povoado de S. Antonio do Aracaju, na Barra da Cotinguiba, com a denominação de cidade do Aracaju, não fixando o ponto geográfico onde se deveria edificar a nova cidade, deixou ao poder executivo o arbítrio de sua escolha, onde mais conveniente julgasse, tendo em vistas o objetivo de sua finalidade, que outro não era senão dotar a província de um porto marítimo e praça comercial.

A localização da nova capital no Aracaju, entretanto, já havia sido escolhida pelo presidente da província, antes mesmo de propor à Assembléia Provincial a transferência da sede do governo para as praias do Aracaju, para onde já havia mudado a Alfândega em casa alugada, e, tendo a mesma sorte, a Mesa de Rendas Provinciais, nas proximidades do Córrego Olaria, um dos pequenos escoadouros naturais, como o Caborge, dos Alagadiços, paues e **brejos da Catinga do Aracaju**. (CALAZANS, Aracaju, p. 54)

Mapa de Aracaju em 1855 Destaques para o Rio Sergipe e Riachos Olaria e Aracaju



Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; Ed. Nº 38

“Cada vez que a Zombar da vaga e da procella,
Espontava na Costa a aza da caravella
Arrasta no mar pelos pulsos de Deus,

- A alma do Novo Mundo, ao clamor de seus brios,
 - Maldizia, a chorar, pela boca dos rios,
 - O oceano protector dos tigres europeus”
- (Humberto de Campos – “Poeira” – Apud SILVA 1921)

Breve histórico:

Quando os primeiros corsários francêses pisaram terra de Coutinho, em subindo a Costa, entraram a Barra do rio Sergipe, razão porque, ao tempo da conquista das terras de Mbaepeba por Chistovam de Barros, já lhe eram frequentes pequenos barcos, sendo que esses corsários, quando infestavaõ estas Costas com o negocio com Gentio aqui entravaõ com as suas Náos commûas, a

tomar carga em meyo, que hião acabar fóra da barra. (Frei Jaboatam – Novo Orbe Serafico; apud Silva 17/o3/1921).

P. C. Tourinho, em carta de 28 de julho de 1546, refere que Diogo Alvares o informara de que:

“Se fora dahi (Bahia) uma nau de França havia dois ou três dias, os quaes fizeram amizade com os Brasis de tornarem ali com quatro ou cinco naus armadas, e muita gente a povoar a terra por causa do algodão e do Brasil que nella ha e reedificarem as fazendas e engenhos que eram feitos”. (SILVA; Aracaju, 1921)

Em 1546 corvejavam ja (sic) os franceses as terras da Capitania de Coutinho, concorrendo para sua fixação no solo os desasos (?) do donatario e do seu filho e sucessor.

Penetravam a barra do rio Sergipe para a apanha de frutas e de pimenta, e conheciam o local a que os indígenas chamavam “cajueiros dos papagaios” (Ara= papagaio; acayu= cajueiro. Dr. Theodoro Sampaio). É assim que Aracaju aparece na História de Sergipe primeiramente.

Depois, em 1589, as lutas com Mbaepeba pediram a intervenção de Christovam de Barros, e a victoria de 1 de janeiro de 1590 determinou a fundação de um povoado que fosse o centro da administração da terra tomada ao natural.

Esse povoado localiza-o Barloeus na ponta da Ilha dos Coqueiros, á margem esquerda do rio Sergipe e do apicum do Pomonga, e o faz figura em seu mapa na parte oriental da mesma ilha, o Forte ficando á margem do rio Sergipe. (SILVA, Clodomir; Aracaju, 1921; apud; Revista de Aracaju 2003; p. 280)

Explica Frei Jaboatam de modo muito claro que:

“Certo curioso diligente investigador das antiguidades Brasíliacas”, “Veyo Christovam de Barros a conquistar esta Capitania, passou a Vazabarris, onde chamaõ passagem velha, e atacandoa Aldea Mahapena, sita na varge desta cidade, e defendida de Forte, e dobrada estacada, a bateo com artilheria, e a ganhou, depois de rijo combate. Depois desta victória continuaraõ os nossos a conquista do Paiz, que estava povoado de muitas aldêas, que todas deixaraõ os Indios fugindo para o sertão. Desocupada a terra dos barbaros, fundou Christovam de Barros a cidade, junto do Rio Seregippe perto da barra do Poxim em hum outeiro escavado, e por experimentarem ser o lugar insufficiente, a trasladaraõ para este, onde hoje está”. (Idem, p. 281)

Desta quasi (sic) Península se passou a cidade para a outra parte do Rio Poxim, entre a barra que faz este quando entra no de Seregippe, e a Costa do mar, em hum outeiro escalvado, como diz a memoria, que alli se levanta, e se pôs neste lugar só pela conveniencia, de que por alto, e eminente, se podião ver delle as duas barras de Seregippe, e Vasa-barris, e servir a cidade de Atalaya para vigiar inimigos, que por ellas podião entrar; e assim cessando a invasão destes se transportou para o terreno, em que hoje se vê. Está situada ao presente sobre a planície de hum alto, e mais chegada ás margens do Vasa-barris, do que as do Rio Seregippe, distando deste algumas léguas, e só duas do outro, e quatro, ou cinco da Costa do mar. No anno de 1637 foy tomada, e fortalecida pelos Hollandezea (sic) nas guerras de Pernambuco, e a poucos mezes queimada pelos nossos no anno de 1638.”(SILVA, apud Jaboatam; Revista de Aracaju; 2003, p. 281)

Porto Seguro, diz que “Ella (a povoação) foi situada sobre um isthimo, onde perto do mar faz barra o Rio Poxim no Sergipe e junto ficava edificado um Forte”. O commendador Travassos recolhendo notas a respeito relata o mesmo, localizando o ísthimo junto ao morro do Santo Antonio, no Porto da Areia.

Conhecido desde 1546 mais ou menos, o local Aracajú não mereceu atenção especial na vida da Capitania, sinão (sic) quando foi concedido por sesmaria a Pero Gonçalves, nos seguintes termos:

“7 de Agosto de 1602,

Saiban quantos esta carta de sesmaria deste dia pera sempre viren que no anno do nasimento do nosso snor. Ihus xpo de 1602 aos 7 de Agosto da dita éra nesta cidade de S. Christovão, Capitania de Sergipe de que é capitão e governador o Snr. Thomé da Rocha governador geral de todo este estado do Brasil nas pousadas de mim escrivão ao diante nomeado por despacho ao pé dela dito Sr. Capitão e Governador da coal petisão e despacho o treslado de verbo ad verbo é o seguinte. Diz Pero Guomsalves morador nesta capitania que de esta na dita capitania inda não povoou com mulher e fabrica e que na dita capitania não tem terras nenhuma para fazer seus mantimentos e pastos de guado e no **cabo do rio Aracajú** esta huma ponta de terra que se mete amtre dous apecus (sic), que puderam ser setesentas braças de llarguo pouquo mais ou menos e de comprimento para a banda de sueste seram como mil brasas e pede a Vm. Em nome de sua mgde lhe de a dita ponta de terra de sesmaria por divolluta com as confrontasois assim nomeadas e com aguas maderas que na dita terra ouver e resebere merse. – Despacho: dou ao sopricante em nome de sua mgde. Na parte de mill brasas de comprido e de llarguo setesentas a quoyal lhe dou em nome do dito Sr. Com todas as madeiras e aguos e pástos que nela ouver e declarasan de fazer bemfeitorias e fazer pouvala (sic.) dentro em seis meses e não o fazendo perdera a sete daguosto de seis sentos e dous annos. – O quapitam Cosme Barbosa”.

Aracaju era em 1854, segundo a carta hydrografica do rio Japaratuba, do engenheiro Cabrita – uma faixa de terra cercada ao norte pela Serra do Aracaju (morro do Urubu); rio Poxim, ao Sul, e era regada pelos riachos da Olaria e do Aracaju ao norte, o Caborge ao centro e o Tramandahy ao Sul. Entre o Caborge e o Tramandahy passava a estrada que conduzia a S. Christovam. (Silva; Clodomir; Aracaju, 1921, apud. Revista de Aracaju; FUNCAJU; 2003; p. 286)

As águas do Aracaju:

São as águas do Aracaju de boa qualidade. Não avanço uma proposição inexata, pois se o fizesse sacrificaria minha honra porque bem sei que as águas, que servem para os usos culinários e domésticos sendo de má qualidade, são os mais poderosos agentes de arruinamento de saúde.

A maioria das águas da Capital são da cor de um amarelo claro. Outras, bem como as do lugar denominado **Manuel Prêto**, são claras e cristalinas; mas nem por isso têm melhor sabor e menos pêso. (sic)

IMAGENS ATUAIS DO RIACHO ARACAJU:



Acervo particular; Riacho Aracaju; Bairro Manoel Preto (hoje Porto Dantas): Aracaju-SE; 202

São potáveis as águas do Aracaju, porquanto dissolvem bem o sabão, cozinham otimamente os legumes, são frescas e de um ligeiro sabor, nem adocicado nem salobro e sem nenhum cheiro; são estas as qualidades que fielmente se apreciam nas águas da côr acima mencionada, notando-se que as claras são mais pesadas.

Não se tem procedido rigoroso exame sôbre a natureza das águas e dos elementos que as compõem, por falta de reagentes, assim nada poderei dizer sôbre o que é devido sua côr a qual é, talvez, das raízes de mangues em dissolução ou de outra qualquer vegetação que circunvizinha o Aracaju. Muito se ressenste esta cidade da necessidade de boas fontes, e isto deve ser tomado em consideração pela ilustre Corporação da Assembléia. (MAROIM, Barão de – 27/02/1856; apud. ALMEIDA; 2003; p. 64)



(Acervo particular; Riacho Aracaju; Bairro Manoel Preto (hoje Porto Dantas): Aracaju-SE; 2021)

O testemunho mais antigo sobre a localização da São Cristóvão primitiva é um documento datado de 1603, treze anos após o fato em exame. Trata-se de uma carta de sesmaria na qual o capitão-mor de Sergipe, Tomé da Rocha, concede à Câmara Municipal de São Cristóvão, terras para o “acrescentamento” da cidade. O documento diz: há sete ou oito anos (por volta de 1595) a cidade estava situada “no Aracaju”. Em (1603) o “forte”, construído por Cristóvão de Barros, bem como a igreja foram transferidos para um “outeiro”, ao redor do qual o Conselho Municipal pede mil braças de terras”. (ALVES; Morro do Urubu: local da primitiva São Cristóvão; 2009; p. 20)

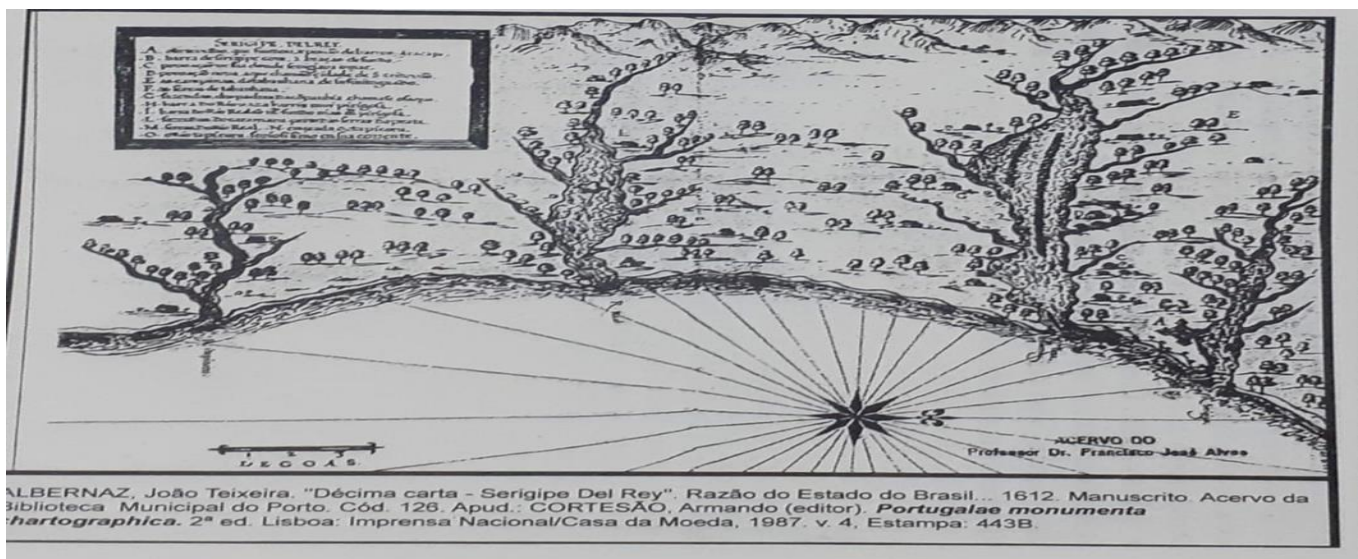
O Livro que dá razão ao Estado do Brasil é o segundo testemunho de época que nos fornece indícios sobre a localização da “primitiva” (aspas do autor) São Cristóvão. A obra foi, conforme os peritos, redigida em 1612. É um painel descritivo das capitanias que vão de Porto Seguro até o Rio Grande do Norte. A autoria de livro... é atribuída a Diogo Campos Moreno (1556 – circa 1621). O cronista dedica um capítulo da obra à Capitania de “Sergipe Del Rey”. Nele, o autor fala claramente das três distintas localizações de São Cristóvão. Sobre o primeiro local da cidade, registra: “No ponto

a (...) estão as ruínas de um Forte que fez Cristóvão de Barros para a guarda da barra”. É de se perguntar: que lugar era mais apropriado para vigiar a barra: os mangues da foz do Poxim ou o Morro do Urubu?

Convém se frisar a importância da obra de Moreno como testemunha. O que ele diz resulta de visita pessoal as Capitanias retratadas. Por outro lado, a formação militar do autor lhe facultava visão precisa dos fatos narrados, seu testemunho é pessoal, detalhado. Por outro lado, há também de se considerar a finalidade da obra: fornecer aos governantes um retrato das capitanias visando a defesa militar. (ALVES; Morro do Urubu: local da primitiva São Cristóvão; 2009; p. 22)

Um terceiro e último testemunho antigo que informa sobre o local inicial de São Cristóvão é um documento iconográfico. Trata-se da carta denominada “Sergipe Del Rey”, do Livro Razão do Estado do Brasil, datada de 1616, cujo autor é João Teixeira Albernaz, cartógrafo português, autor de muitos mapas do Brasil nos começos do século 17.

A carta de João Teixeira Albernaz nos oferece alguns dados preciosos para elucidar o lugar inicial da fundação do “forte e da igreja” de Cristóvão de Barros, nos anos de 1590. O cartógrafo documenta pontos da geografia física e humana de Sergipe em 1612. Sobre a nossa questão de interesse, o cartógrafo informa nas legendas da carta: a) O Forte Velho fundado por Cristóvão de Barros. Aracaju; b) “A povoação Velha donde se vigiava o mar”; c) Povoação Nova a que chamam cidade de São Cristóvão. (Idem



Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; Ed. Nº 38

Os três topônimos do velho mapa, como se vê, aludem claramente às três localizações da capital fundada por Cristóvão de Barros. O “Forte Velho” aparece – explicitamente no “Aracaju”. A que corresponde tal denominação nos termos da geografia de hoje? Creio que o “Aracaju” de João Albernaz nada mais é do que o nosso atual Morro do Urubu. A favor desta tese, tem-se o fato da continuidade da nomeação ao longo do século 19: “Santo Antonio do Aracaju”, “morro do Aracaju”. A tradição conservou o topônimo nomeando assim a elevação situada ao norte da cidade, atual Bairro Porto Dantas. Certamente, o Aracaju de João Albernaz é o mesmo topônimo aludido pela Câmara no documento datado de 1603, anteriormente mencionada. Outra razão à favor do Morro do Urubu é feito militar da conquista. É muito pouco provável que Cristóvão de Barros fosse construir os marcos iniciais da colonização sergipana nos charcos da foz do Poxim, como querem Felisbelo Freire e os outros sergipanos do século 20. (ALVES, José Francisco; 2008)

Canalização das águas dos mananciais do Riacho Aracaju



(Acervo particular – 2021)

Córrego que canaliza as águas do Riacho Aracaju (pelo fundo de algumas casas do Manoel Preto) arrastando o seu rico manancial natural fluvial que apesar de todo o descaso dos poderes públicos (mesmo em meio à essa crise hídrica que acomete o planeta e todos os reclames das comunidades nativas e ambientalistas) , teima em resistir e lograr a abundância das águas do seu rico e fecundos lençóis freáticos , e, segue sorrateiro arrastando os despojos do Bairro Industrial pelos canais das Avenidas Filadelfo Dória e José Conrado de Araújo unindo-se ao canal que “desce” do Bairro Santo Antônio pela Avenida Dr. Airton Teles nas imediações do Aracaju Park Shopping e o Terminal de integração dos Mercados municipal, para, ambos, desembocarem no Rio Sergipe na “Rua da Frente”(Av. Rio Branco, ou, Rua da Aurora, como outrora era chamada)

Lavanderia Pública do Manoel Preto



Área comum da lavanderia do Manoel Preto (Acervo particular; 2021)

Essas imagens podem dar a dimensão do manancial aquífero que é desperdiçado todos os dias em nossa Capital (Aracaju). Em meio à uma população deveras necessitada de absolutamente tudo, do indispensável para sua subsistência. Por muitas décadas dezenas de mães de família tinham nessa lavanderia seu único meio de labor para sustentarem suas proles com a “lavagem de roupa de ganho”, aqui as lavadeiras tiravam o seu sustento, e, também traziam os seus filhos para tomarem banho e, ainda levavam água para casa, para as suas necessidades domésticas.

Uma das únicas destinações idôneas dessas águas era com essa lavanderia, hoje, nem mesmo essa ínfima atividade tem sido mais possível, o abandono e a criminalidade pletoaram sob os escombros da saudosa lavanderia.

É realmente deplorável diante de tudo que fora exposto nas laudas que antecederam, fruto do hercúleo esforço de tantos pesquisadores que se debruçaram para perscrutar às origens de nossa Capital e, da dita “Cidade mãe de Sergipe”, a primeira Capital da Capitania de Sergipe Del Rey (São Cristóvão)

Ademais, como vimos: é nessa área olhada de soslaio pelos governantes que reside o cerne de nossa história, o axioma da civilização sergipana. Pois, vimos as lutas dos povos silvícolas para resistirem ao colonizador opressor, e, estabilizado este, vimos mais uma vez a firmeza inexorável do Cacique João Mulato, que, com os seus, guarneciam toda essa Costa da Aldeia do Aracaju, contra o invasor batavo e o francês que aqui queriam fazer morada, com o fito de expandirem seus domínios e seu comércio para abastecer suas respectivas nações com os nossos recursos naturais e, com a exploração dos nossos povos primitivos.

Pois, como opróbrio a desqualificar e desmerecer toda essa briosa história que nos fora legada para a constituição desse Estado como tal conhecemos hoje; é que perplexos assistimos a dinâmica de desconstrução desse lugar laureado por sua natureza pujante, transbordante, literalmente por suas águas que não findam apesar de todo o descaso, brotam do subsolo e escorregam tranquilamente pelo Morro do Urubu, e, pelo lado oposto pela Colina do Santo Antônio (Morro do Canta Galo) para se encontrarem e formarem em uníssono o Riacho Aracaju, harmônico, alvissareiro e benfazejo como só a natureza o é; onipresente em todas as cartografias como vimos a de Albernaz, desde 1602 e corroborada em meados do século 19 com a mudança da Capital.

É bom ressaltarmos, que essa comunidade (Manoel Preto) fica cravada ao lado Oeste (entre os Bairros Industrial e Santo Antonio) do Morro do Urubu, a Antiga e primeira São Cristóvão, que como vimos integrava o aldeamento do Aracaju, e, que mais tarde, viria a se tornar a Capital de Sergipe Del Rey. Sendo assim, partindo desse pressuposto, podemos afirmar que essa comunidade, folgadoamente já conta com mais de 400 anos de existência, e, como o leitor pudera observar, é justamente no Rio

Aracaju (Sal) o Marco limítrofe da Planta de fundação de Aracaju, deste até o Poxim, e, a respeito do Riacho Aracaju os cronistas contemporâneos do descobrimento fizeram questão de salientar da exuberância de seu manancial; Silvio Romero nos Oitocentos, fala de suas águas cristalinas, todos os demais desse período atestam que suas águas são potáveis. Se hoje, não o são, algo devemos crer que há de errado, e, com certeza, a culpa não é da população!

Importante também dizer que apesar das novas regionalizações que os governos têm proporcionado em Aracaju, muitas vezes desastradas, sem se importar com a formação histórica de cada local; o sentimento de pertencimento dos moradores do Manoel Preto é muito forte, pois, para eles de nada adianta o poder público municipal querer nominar (impor) àquela comunidade como sendo eles do Porto Dantas, eles não aceitam, pois, seus laços de solidariedade e identidade são muito fortes, inquebrantáveis; já me disseram alguns Porto Dantas é do outro lado do Morro do Urubu, no Porto Das Antas a água é salobra! E, como conhecem sua história sabem que essa comunidade sempre tivera afinidade maior com Nossa Senhora do socorro do tomar da Cotinguiba, ou, Socorro, como conhecemos hoje.

Fonte de abastecimento de água para caminhões pipa no Manoel Preto



Acervo particular 2021

A referida fonte acima localiza-se bem na entrada do Manoel Preto, na esquina da Rua Manoel Preto, (rua esta que assumira a nomenclatura de toda a Região após a famigerada regionalização), e, por décadas servira de balneário para a população local, com direito a um imenso chafariz (era uma festa para a mocidade!)

Hoje, murada e sem manutenção serve somente para abastecer os caminhões pipas com destino a algumas fábricas e ao Sertão. E, enquanto isto, a comunidade do Bairro órfã do poder estatal vivendo muitos na mais absoluta miséria, têm que pagar água e taxas de esgoto para a Companhia de Saneamento de Sergipe. Ou seja: a situação que essas pessoas têm é de que estão sendo, não só vilipendiadas, mas, roubadas, espoliadas pelo poder público, pois, retiram dos mesmos um bem inalienável e, em troca não vos legam nada para suavizar as suas mazelas. Coisas que só acontecem no Brasil!

Para completar, nos últimos anos com a expansão imobiliária, como Aracaju já está conurbada com as cidades circunvizinhas (e não tem mais para onde espriar-se), formando uma metrópole, essa região que, passara 160 anos (desde a transferência da Capital) para desenvolver, finalmente, surgira um grande residencial cravado no esquecido Manoel Preto(Park View Residence), na Antiga Estrada do Engenho Novo, hoje, Av. Lauro de Brito Porto (onde era realizado tradicionalmente o “Enterro do Boi” ao término dos festejos “Joaninos” da Rua São João), o problema é: que com a chegada deste, aumentaram as invasões, nas restingas do manguezal que marginam a mesma estrada, sobre o já por demais sofrido Riacho Aracaju, e, inclusive nesses terrenos íngremes, acidentados ao extremo como mostra a fotografia.

Tragédia anunciada e, mais uma vez o governo municipal faz-se omissos, inerte, permitindo o assassinato do nosso Riacho Arquissecular da Aldeia do Aracaju, dos destemidos Tupinambás que aqui habitavam.

Vista do Manoel Preto em baixo e “Alto da Jaqueira” acima



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Pe.Aurélio Vasconcelos de. Esboço Bibliográfico de Inácio Barbosa. V. 2; Aracaju; J. Andrade. 2002.

ALMEIDA, Pe.Aurélio Vasconcelos de. Esboço Bibliográfico de Inácio Barbosa. V. 3; Aracaju; J. Andrade. 2003

ALVES; José Francisco. Morro do Urubu: local da primitiva São Cristóvão. Ed. Revista do IHGS. Nº 38. 2009.

RAMOS; Pereira Mônica. Sergipe em Dois Mapas do Século XVII. Revista de Aracaju. Funcaju. Nº 10. 2003.

SILVA; Clodomir. Artigo Aracaju. Correio de Aracaju. 17 de março de 1921.